Educação: cumplicidade ou resistência?

Ana Carolina Schmitt de Amorim, Mylena Branzani Pintor, Tatielly Emanuelli da Silva e Vanessa Cristina da Silva
Estudantes do curso de Matemática-Licenciatura (UFMT/Cuiabá)
Email: expia.ufmt@gmail.com

No dia 29/08/2024, no auditório Mofão, foi realizada uma roda de conversa promovida pelo Jornal $e^x\pi a$!, tendo como convidado o professor Dorival Gonçalves Júnior, do Departamento de Engenharia Elétrica. Inicialmente, a estudante Ana Carolina Schmitt fez uma breve apresentação dos objetivos do Jornal $e^x\pi a$! e, em continuidade, o professor Vinícius M. P. dos Santos, fundador e coordenador do jornal, contou sobre a história de seu surgimento. Após isso, o professor Djeison Benetti fez considerações gerais acerca do texto "Educação após Auschwitz", do filósofo alemão Theodor W. Adorno. Em seguida, o professor Dorival fez uma apresentação relacionando este texto com a realidade atual. O texto a seguir constituí uma síntese, do ponto de vista das autoras, sobre as principais questões levantadas neste encontro.

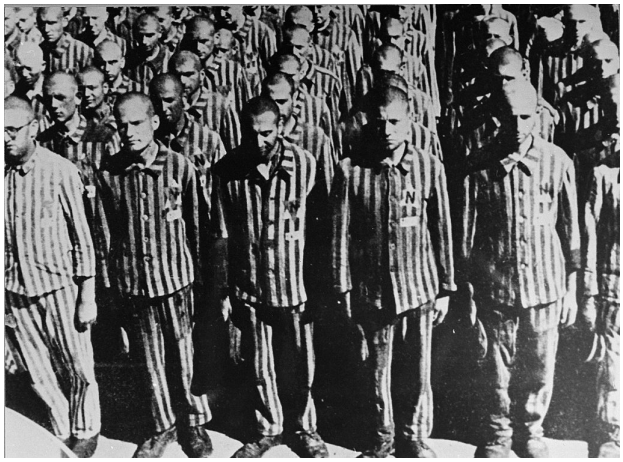
Fonte: Tatielly Silva para o Jornal $e^x\pi a$!, 2024.

Adorno faz uma importante reflexão a respeito do papel da educação frente à meta: *que Auschwitz não se repita*. Por um lado, o título do evento, "Educação após Auschwitz ou Auschwitz após a educação?", instiga uma reflexão sobre o papel da educação, hoje, em impedir atrocidades como o Holocausto e, por outro lado, sobre a possibilidade da educação reforçar certas ideias perigosas e comportamentos destrutivos. Em linhas gerais, sabemos que à educação é atribuída um papel formativo em cada momento histórico. Ou seja, a ela é atribuída a formação dos indivíduos para o trabalho que, por sua vez, está de acordo com certas tendências dominantes em cada sociedade.

Fonte: Jornal $e^x\pi a$!, 2024.

Para contextualizar essa discussão é importante questionar: o que foi Auschwitz? Foi um complexo de campos de concentração, situado na Polônia, criado pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial. O regime nazista reunia nos campos de concentração todos aqueles que consideravam seus opositores (judeus, homossexuais, ciganos, comunistas, etc). O que acontecia em Auschwitz? Neste conjunto de campos, essas pessoas eram submetidas a condições de extrema crueldade e de trabalho forçado, em um processo de violência sistematizada. O local de alojamento reservado a elas era inabitável, uma vez que dormiam amontoadas, não havendo higiênie básica, muito menos uma alimentação adequada. Destituídas de sua humanidade, com as cabeças raspadas e marcadas por números, muitas sucumbiam à exaustão e, quando sem serventia, eram simplesmente exterminadas. Uma das formas de extermínio mais utilizadas eram as câmaras de gás; elas funcionavam quase como uma linha de produção em larga escala. O objetivo, contudo, não era a produção de uma merca-

doria, mas sim uma maior quantidade de mortes em menos tempo. Vale ressaltar que esses assassinatos foram minuciosamente planejados por profissionais altamente qualificados (engenheiros, químicos, físicos, matemáticos, etc). Se intelectuais, em geral, compactuaram com o genocídio, qual seria a função da educação em uma sociedade se ela não é capaz de impedir tais ações? Além disso, fica outro questionamento: a barbárie ainda está presente em nosso cotidiano? Se sim, ela ainda guarda resquícios dessa mesma crueldade?



Fonte: Getty Images, 2004

O massacre do povo palestino perpetrado pelos israelenses no Oriente Médio constitui um exemplo emblemático da persistência de conflitos armados no mundo contemporâneo. A brutalidade na região tem criado um cenário cada vez mais preocupante. O assassinato em massa do povo palestino também pode ser caracterizado como um genocídio. Mas este não é um acontecimento que está muito longe de nossa realidade, podemos observar a persistência da violência no contexto histórico brasileiro; tem sido, por exemplo, um fenômeno contínuo, desde o período colonial, a perseguição e até mesmo a dizimação das populações indígenas.

A violência também se apresenta de forma velada no cenário educacional: a questão da infraestrutura das intituições de ensino (superlotação nas salas de aula, ausência de ares-condicionados, banheiros com problemas e a falta de acesso a tecnologias), os métodos de avaliação limitados (provas somente de múltipla escolha e uma abordagem excessivamente conteudista, sem promover a reflexão da realidade, ou seja, algo meramente quantitativo), o controle cada vez mais intenso e restritivo sobre o trabalho docente, entre outros.

Nesse sentido, na composição atual da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) há uma preferência por disciplinas como Matemática e Português, consideradas como mais neutras e objetivas, em detrimento das Ciências Humanas (sociologia, filosofia, história, geopolítica, etc.), frequentemente associadas a debates que geram uma reflexão sobre a realidade. Afinal, quais são os interesses políticos por trás da estrutura da BNCC e por que ela é tão pouco questionada no cenário educacional?

Nestas condições, o próprio ato de dar aula já parece se configurar como uma barbárie. Emilio Gennari, em seu artigo "Quando ensinar é adoecer", ressalta: "Responder aos percalços da realidade e ler serenamente o sofrimento produzido na relação [...] docente são desafios que o professor não consegue enfrentar sozinho por muito tempo. A falta de um coletivo que coopere e busque respostas enquanto coletivo de trabalho abre as portas à impossibilidade de dar sentido ao cotidiano e enfrentar serenamente os atritos pessoais, alimenta o isolamento e a apatia, fortalece a sensação de solidão e desamparo. Resumindo, cria as condições propícias ao adoecimento psíquico".

Fonte: Site Dol, 2017

Que tipo de educação se estabelece em um contexto marcado pela ausência de uma percepção da realidade e pela falta de alternativas coletivas? O sistema educacional, condicionado por fatores políticos e sociais, frequentemente omite esses fatores, bem como a própria história. A educação, ao evitar a discussão de temas complexos e dolorosos, contribui para a manutenção de uma sociedade que não consegue lidar com seu passado e que reduz a violência a uma mera estatística, negligenciando as raízes sociais e as implicações éticas desses atos. Assim entendida, ela se torna análoga a um "campo de concentração" ao moldar e controlar indivíduos, submetendo-os a processos de padronização, mecanização e alienação.

O ensino da Matemática atual, por sua vez, também impede uma análise dos fundamentos da própria Matemática, resultando em uma abordagem superficial dos conteúdos, na qual os alunos são estimulados a realizar apenas cálculos e ainda fazer de

forma mecânica, ou seja, sem que haja uma compreensão profunda dos conceitos matemáticos envolvidos. Que tipo de educação é essa que não reflete o que vivemos? É importante destacar que quando dizemos "não reflete o que vivemos", não contestamos a falta de conteúdos utilitaristas, mas sim a ausência de discussões e conteúdos que retratam a sua vinculação com a realidade. Identificamos no ensino da Matemática uma tendência à superficialidade. Essa tendência é, em nossa análise, resultado de uma escolha ideológica das instituições de ensino, que optam por um modelo pedagógico que desestimula a reflexão da própria Matemática.

A educação encontra-se em uma encruzilhada. Com frequência, o sistema educacional, desde os responsáveis pelos conteúdos que são estudados em todo o país até os professores de cada instituição, omitem discussões cruciais. É fundamental ressaltar que toda escolha individual obscurece o fato de que pensamentos e comportamentos são, em grande medida, produtos desse sistema social que molda as percepções e ações das pessoas, na maioria das vezes de maneira inconsciente. Deve-se reconhecer, portanto, a impossibilidade de neutralidade ideológica, pois toda decisão já se configura como uma escolha ideológica, isto é, podem refletir posições e interesses que em sua maioria são antagônicos aos interesses coletivos.

Sob estas condições, este tipo de educação contribui para a formação de indivíduos passivos, inibindo a capacidade de questionar e agir, perpetuando a dissociação entre os conteúdos ensinados e seu contexto histórico e social. A omissão de discussões fundamentais e da própria história, impedem que se perceba como a matemática, em diversas ocasiões, é utilizada como ferramenta para perpetrar atos violentos: por que não se discute o uso constante da Matemática na construção de armas, bombas, tanques, etc., bem como no planejamento de assassinatos em massa?

A crescente idealização da educação como solução universal para todos os problemas sociais é muito limitada. No contexto atual, especialmente em países emergentes ou com grandes disparidades socioeconômicas, como no Brasil, a educação é frequentemente vista como a chave para o sucesso individual e, também, para uma mudança da sociedade. Discursos políticos e até campanhas midiáticas reforçam essa visão idealista. Se a educação não proporciona um espaço para a reflexão sobre a realidade, como ela pode, ao mesmo tempo, ser agente de mudança? Como lidar com esta incoerência? As discussões realizadas durante a roda de conversa evidenciam a necessidade de intensificar estas questões a fim de promover uma educação que supere esse estado de coisas. ■